## Ensaios de Divulgação

MIREYA SUÁREZ

Os livros ora comentados, de Alcida Ramos e Roque Laraia, resultam da atividade de divulgação implícita no ofício de professor universitário. A atividade didática da maior parte desses professores alonga-se para além das turmas de alunos de Antropologia ou de estudantes que ainda não optaram por um determinado conhecimento disciplinar, ou que, uma vez feita a opção por uma disciplina que não a Antropologia, procuram complementar sua formação. A heterogeneidade dessas turmas, bem como o fato de que o conhecimento transmitido constitui-se, para a maior parte dos estudantes, no primeiro e último encontro com a ciência antropológica, conduzem os professores a assumir um papel que é mais de divulgador do que de mestre de iniciação à ciência. Por essa razão, os livros de Alcida Ramos e Roque Laraia não são propriamente manuais de introdução à Antropologia, mas sim ensaios de divulgação que examinam um único assunto na sua totalidade sem, entretanto, aprofundar em favor da clareza, implicações de teoria e método.

Assim, o objetivo dos livros não é ensinar a fazer Antropologia, nem preparar o leitor para o aprendizado dessa ciência, mas difundir o conhecimento antropológico para além do grupo de especialistas. Atingindo esse objetivo, *Cultura: Um Conceito Antropológico* e *Sociedades Indígenas** são livros de utilidade tanto para o estudante universitário quanto para outros cidadãos interessados nas questões de seu tempo.

*Sociedades Indígenas* objetiva mostrar as características das também chamadas sociedades primitivas ou tribais, fazendo uso das etnografias indí-

* RAMOS, Alcida Rita. 1986. *Sociedades Indígenas*. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 96 pp.
LARAIA, Roque de Barros. 1986. *Cultura: Um Conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 116 pp.

**Anuário Antropológico/86**
**Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro, 1988**

genas das terras baixas sul-americanas. A autora justifica essa escolha com os argumentos de ser essa unidade relativamente homogênea, em termos sócio-culturais, e intermediária, em termos geopolíticos; nem o mundo inteiro, nem um país específico, esclarece. Implícita na escolha da unidade aparece a tentativa, sempre embaraçosa para os antropólogos, de mostrar as sociedades indígenas de modo tipificado e, ao mesmo tempo, resguardar o máximo de especificidade de cada uma delas.

Utilizando o ordenamento sistêmico convencional, a autora divide o livro em cinco partes que examinam, respectivamente, o significado do território, os sistemas econômicos, a lógica das relações sociais, a organização política e a religião e ordem do mundo. O desenvolvimento das idéias no interior de cada parte abranda a imagem sistêmica, levando o leitor a conceber, em algumas passagens, a existência de diferentes ordenamentos da realidade. Entretanto, parece-me que a tentativa de generalizar, que necessariamente sacrifica a retenção da especificidade, e a utilização da análise sistêmica como estratégia narrativa, conspiram contra os esforços da autora de tornar evidente a existência de ordenamentos simbólicos e cognitivos essencialmente diferentes daqueles que nos orientam. *Sociedades Indígenas*, um livro bem escrito e muito bem informado, persuade mais pelo poder da expressão do que pela problematização dos fatos.

Renunciando ao exame problematizado, o livro é a narrativa de um modo diferente de conceber e agir, perpassada pela idéia de que a diferença é irredutível, devido a que os grupos indígenas respondem ao contato (e às agressões contra seus modos de existir) revitalizando constantemente a tradição.

O empenho de Alcida Ramos no sentido de mostrar a perseverança com que os grupos indígenas conservam, transformando, seus modos de vida tem um retorno bem maior que sua tentativa de divulgar a existência de outros ordenamentos da realidade.

À diferença de *Sociedades Indígenas*, que é um trabalho de cunho etnográfico, *Cultura: Um Conceito Antropológico* situa-se no campo da história das idéias com o objetivo de apresentar dois temas: Na primeira parte, examina o que o autor chama "desenvolvimento do conceito de cultura" partindo do Iluminismo até os autores modernos e, na segunda, a importância da cultura para explicar o comportamento social e a diversidade humana.

Escrito com a preocupação de facilitar a clareza sem sacrifício do estilo literário, o livro de Roque Laraia se lê com prazer, muito embora os temas sejam mais do que familiares para qualquer antropólogo. Não existe nele nenhu-

ma novidade a não ser o modo criativo e ameno como articula as idéias e insere os trechos dos diversos autores com os que lida.

Quanto à primeira parte, deve ser destacada a seleção competente da vasta bibliografia já produzida sobre o assunto. Partindo da crítica aos determinismos, biológico e geográfico, para explicar a diversidade da conduta humana, o livro introduz a cultura como o elemento mais relevante para esse fim. Observando a seqüência histórica das idéias, passa a examinar as diferentes construções do conceito produzidas no bojo das várias escolas antropológicas.

Na segunda parte, o autor tenta identificar as propriedades da cultura e, com essa finalidade, introduz questões de relevância básica para a Antropologia Social, como a pluralidade cognitiva, a universalidade do etnocentrismo, a participação restrita do indivíduo na sociedade, o entendimento das culturas nos seus próprios termos e a mudança cultural.

A publicação desses dois livros vem contribuir para a comunicação do modo de conhecer peculiar da Antropologia que, se não é absolutamente melhor que qualquer outro, com certeza, é rico em exemplos de experiências humanas e, por isso, pode introduzir a dúvida a respeito de nossas convicções.

Entretanto, a importância das obras de divulgação não se limita à expansão do conhecimento para além do grupo de especialistas. Nesse sentido, sua importância é menor e até questionável para alguns. As obras de divulgação, particularmente aquelas das Ciências Sociais, facilitam o caminho – e nisto sim são introduções – para a apropriação ideológica do conhecimento. O conceito de cultura, com a lição de relativização de que está impregnado, e a etnologia dos povos indígenas são, sem dúvida, temas muito oportunos num país que começa a tomar consciência de sua heterogeneidade e a construí-la ideologicamente.